

CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA. ESTUDO DE CASO JUNTO A EEM PAULO FREIRE.

Dilceu Plens¹ - EEM Paulo Freire – professordilceu@hotmail.com

Juliana Adriano² - EEM Paulo Freire – jua.sociologia@gmail.com

Matheus Henrique de Quadros Correia³ - EEM Paulo Freire

RESUMO

Neste trabalho iremos descrever a experiência do Curso Técnico em Agroecologia da Escola de Ensino Médio Paulo Freire, localizada em assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no município de Abelardo Luz. Este relato foi construído por meio de pesquisa realizada com os alunos do 2º ano na Escola de Ensino Médio Paulo Freire, em meio às disciplinas de Sociologia e Matemática, no ano de 2013. Os objetivos consistiram em reconstruir o contexto da criação do curso, seu desenvolvimento, entraves e possibilidades. Observou-se dificuldades no que tange a aplicar os preceitos da educação do campo, proposta pelo MST, seja pela falta de recursos humanos e financeiros, ou pela estrutura rígida exigida pelo Estado na forma de funcionamento da escola. Contudo, aos poucos a estrutura da escola vem melhorando, tem ocorrido aprendizagem em meio aos projetos desenvolvidos ao longo dos anos, os princípios da Agroecologia têm sido disseminados, e tem se avançado em propostas de apresentar alternativas aos jovens que em alto número evadem do campo.

Palavras chave: Agroecologia, Educação do Campo, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

1. INTRODUÇÃO

O planeta tal qual o conhecemos é resultado de um processo contínuo de mudanças, evoluções e regenerações que aconteceram através dos tempos. Estima-se que o cosmo tenha 15 bilhões de anos, nosso planeta cerca de cinco bilhões de anos, as formas de vida quatro bilhões e apenas há cerca de 10 mil anos germinaram as primeiras civilizações históricas. Durante o século XX essas informações se tornaram evidentes, e por meio delas se frisa a relativa pequenez da história do *homo sapiens* (ADRIANO, 2011).

¹ Educador de Matemática da EEM Paulo Freire, formado em Licenciatura em Educação do campo com habilitação em ciências da natureza e matemática pela UnB (Universidade de Brasília)

² Educadora de Sociologia da EEM Paulo Freire, mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal em Santa Catarina (UFSC).

³ Educando do Curso Técnico em Agroecologia, da EEM Paulo Freire.

A agricultura acompanha a humanidade desde seus primórdios, e tem sido equivalente ao modelos de desenvolvimento implementados. Ao longo do capitalismo o mesmo demandou formas de produção equivalentes a seu modo de produção, assim, em fins do século XIX surge a Revolução Verde mecanizando a agricultura. Porém, seus principais efeitos tornaram-se mais visíveis somente a partir do anos 1950, com a disseminação do apelo à utilização de insumos químicos. Ela passou desde então a ser implementada por meio de “pacotes tecnológicos” compostos por sementes geneticamente melhoradas, fertilizantes sintéticos, agrotóxicos e sistemas de irrigação e motomecanização cada vez mais sofisticados. (ADRIANO, 2006).

Esse modelo de agricultura que mata e destrói o ambiente visa o lucro, não dá relevância a perda da biodiversidade, a supressão de ecossistemas e da diversidade cultural, as desigualdades sociais geradas, ou seja, ao impactos negativos que gera. Assim, se faz preemente a necessidade de um modelo alternativo desenvolvimento, no que tange ao campo, a agroecologia se apresenta como opção real.

Altieri definiu a agroecologia como sendo “as bases científicas para uma agricultura alternativa”. (Altieri *apud* Caldart, 2012, p. 60). Essas bases científicas estão em várias disciplinas – que não podem ser tratadas de forma fragmentada –, e no conhecimento das populações que tradicionalmente produziram alimento e geriram os recursos naturais.

O MST, bem como outros movimentos camponeses, tem buscado a construção da agroecologia enquanto alternativa ao modelo de desenvolvimento hegemônico. Neste trabalho buscamos reconstruir e avaliar o processo do Curso Técnico em Agroecologia (CTA), da Escola de Ensino Médio Paulo Freire, localizada no município de Abelardo Luz/SC. O mesmo tem o intuito de construir alternativas ao êxodo rural, especialmente dos jovens, e ao modelo do agronegócio, que demanda o uso intensivo de agrotóxicos e dizima a biodiversidade.

A presente pesquisa foi elaborada em conjunto com o 2º ano do curso técnico da Escola de Ensino Médio Paulo Freire, em meio as disciplinas de Sociologia e Matemática. Partiu-se da demanda de conhecer mais sobre o curso. Para tanto o passo a passo da pesquisa foi construída com a turma: definir a pergunta de partida, os objetivos, a justificativa,

questionário, a revisão de literatura e a redação de pequenos textos contendo sínteses das leituras realizadas. Os objetivos consistiram em reconstruir o contexto da criação do curso, seu desenvolvimento, entraves e possibilidades. A turma avançou até o ponto de escrever os pequenos textos resumo e a realização de entrevistas (uma delas com a coordenadora da EEM Paulo Freire, que esteve desde o início das discussões para a formação do Curso Técnico em Agroecologia (CTA) e ajudou em todo processo; e a outra com um educador, que foi um dos técnicos da Cooperativa de Trabalho e Extensão Rural Terra Viva (COOPTRASC), por meio da qual contribuiu voluntariamente para o início do funcionamento do CTA, atualmente é coordenador do mesmo). Coube aos educadores de sociologia e matemática a sistematização dos dados em forma de artigo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Em um período onde o modelo de desenvolvimento capitalista tem buscado se homogeneizar em meio a suas crises estruturais, sementes da contradição tendem a germinar. Por um lado, houve a implementação da Revolução Verde no campo brasileiro ao longo do século XX, e no início deste século constatamos o aumento da concentração de terras no campo, o avanço forçoso dos transgênicos, que trouxeram consigo o uso de um volume ainda maior de agrotóxicos, além do processo de estrangeirização das terras, etc. Por outro lado, os movimentos sociais camponeses tem se empenhado na denúncia destes fatos, e na tentativa da construção de bases para um outro modelo de desenvolvimento, onde a agroecologia é tomada como um dos pilares.

O termo agroecologia começou a circular no ambiente acadêmico durante a década de 1970, resgatando as contradições embutidas nas inovações técnicas introduzidas pela Revolução Verde. Todavia, a inspiração agroecológica pode ser encontrada em vários sistemas de produção de alimentos desenvolvidos por sociedades tradicionais. Busca-se com a agroecologia associar o conhecimento científico com o conhecimento acumulado pelas populações tradicionais ao longo da história. Seus adeptos enfatizam a importância das relações ecológicas na manutenção da eficiência e da perenidade dos cultivos, diminuindo

assim os riscos de impactos ambientais e sociais destrutivos e exigindo menos insumos (Hecht, 1989).

A agroecologia surge como um novo enfoque de desenvolvimento agrícola, sensível à complexidade das configurações locais, visando criar sistemas produtivos integrados e ecologicamente sustentáveis, insistindo na garantia da segurança alimentar e da equidade (Altieri, 1991).

A transição do modelo implementado pela Revolução Verde para a agroecológica refere-se a um “processo gradual e multilinear de mudança, que ocorre através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas”. (Caporal, 2004, p. 12) Deve ser entendido como um processo que não dispensa o avanço técnico e o conhecimento científico; considera as variáveis culturais, políticas e étnicas da sustentabilidade, assim como as variáveis econômicas, políticas e sociais (Caporal e Costabeber, 2001, 2004).

Os movimentos sociais camponeses e de populações tradicionais tem avançado neste debate, sobretudo no campo político e da experimentação, entendendo que a agroecologia não se restringe a não utilização de agrotóxicos, mas também a uma prática organizativa, onde é preciso alterar a matriz produtiva, o modelo de desenvolvimento, e por fim, o modelo de sociedade. No entanto, em meio ao debate conceitual, os movimentos sociais não definem exatamente o que é agroecologia, porém oferecem alguns parâmetros para que a gente possa caracterizar esse conceito. Agroecologia seria “(...) o cuidado e a defesa da vida, produção de alimentos, consciência política e organizacional” (Via Campesina, e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2009 *apud* Caldart, 2012, p. 64). Os movimentos inserem a Agroecologia no debate pela soberania alimentar, em defesa dos territórios e das reformas agrária e urbana no sentido da emancipação humana.

No que tange aos territórios que são resultados da luta pela terra, a busca por uma produção alternativa da existência humana é uma realidade. Contudo, essa realidade entra em confronto com o avanço do capitalismo também sobre o meio rural. Se por um lado a Revolução Verde foi uma das responsáveis pelo grande êxodo rural ocorrido ao longo do século XX, especialmente nos países ditos em desenvolvimento, por outro lado ela demandou

a formação da mão de obra, houve assim um letramento básico e uma formação técnica direcionada.

Os movimentos camponeses tem demandado e construído a Educação do Campo, a partir dos trabalhadores do campo. Não se trata apenas de formação, mas da construção da emancipação do humano em meio ao sistema capitalista. É preciso assim, articular desde a melhoria das condições de vida e de produção, passando pela percepção de que cada um é potencialmente um sujeito da transformação desta sociedade de classes, cujo horizonte proposto pelo MST é o socialismo. (Caldart, 1997). A Educação do Campo, enquanto enquanto categoria de análise, possibilita ainda a “análise da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo” (Caldart, 2012, p.257).

Essa Educação do Campo parte, sobretudo, do MST que, ao longo de seu processo histórico, tem desenvovido processos educativos, um de seus principais desafios tem sido transformar a Pedagogia do Movimento em realidade social, ou seja,

“transformar a intencionalidade formativa que produziu na sua dinâmica de luta social e organização coletiva em um projeto de educação das famílias e das comunidades dos acampamentos e assentamentos que constituem a base social, buscando transformar a visão de mundo e o modo de vida subordinado à uma lógica capitalista de reprodução do sistema-capital, que ainda predominam nas próprias áreas de Reforma Agrária”. (CALDART, 2010, *apud*, MUNARINI, 2011, p. 9)

Nessa perspectiva a concepção de educação o elemento ideológico está presente no almejar de uma nova sociedade, para tanto se faz necessária a formação do ser humano em sua totalidade, onde as diferentes dimensões do humano estejam articuladas, bem como sua relação com o mundo. Quer dizer, buscasse o “desenvolvimento omnilateral do ser humano”, que propõe “a busca de um processo de formação humana ou de humanização integral” (CALDART, 2010, *apud* MUNARINI, 2011, p.10).

O projeto de sociedade socialista, como entendemos, pressupõe tanto a agroecologia quanto a educação para a totalidade. Assim a escola, que regularmente funciona como órgão do governo para a reprodução da sociedade vigente (BOURDIEU, 1998), se insere no seio da disputa de classes, e assume assumindo um papel de agente transformador em prol da classe

trabalhadora. Assim, o debate da Agroecologia, como uma luta contra-hegemônia, ganha um agente a mais quando escolas dos assentamentos inserem-se nesse debate. Este é o caso do Curso Técnico em Agroecologia da EEM Paulo Freire, por isto, buscamos identificar e avaliar os limites e as possibilidades encontradas durante seu percurso.

3. CONTEXTO ONDE ESTÁ INSERIDO O CTA

O estado de Santa Catarina possui mais de 7 mil famílias assentadas em 140 assentamentos distribuídos em 80 mil hectares. Somente no município de Abelardo Luz, são 22 assentamentos com cerca de 1,5 mil famílias, produzindo alimentos em 20 mil hectares. Sendo a agricultura a principal atividade econômica do município.

A forma de produção agrícola praticada pelas famílias assentadas de Abelardo Luz apresenta dois modelos distintos de produção. O primeiro está centrado nos preceitos agroecológicos de produção de alimentos, onde se considera a biodiversidade animal e vegetal, a sucessão natural e o manejo ecológico do solo. Já o segundo modelo, baseia-se nos preceitos tradicionais de produção agrícola, utiliza produtos fitossanitários (inseticidas, fungicidas e herbicidas) e mecanização pesada.

Nesse sentido a Escola de Ensino Médio Paulo Freire, busca fortalecer o debate acerca da formação para a emancipação humana através do Curso Técnico em Agroecologia que vem formando jovens camponeses desde 2009.

Essa história começa em 1985, quando aconteceu a primeira ocupação do MST em Santa Catarina e no município onde a escola está situada. Desde então muitos outros latifúndios deram lugar à centenas de famílias que hoje produzem a sua existência a partir do pedaço de chão conquistado.

O assentamento José Maria é oriundo de uma ocupação da agropastoril Fazenda Congonhas, realizada em 22 de dezembro de 1996, por 300 famílias. No início para atender a demanda de educação para os pequenos funcionou dentro do acampamento uma escola de

primeira a quarta série, os alunos de quinta a oitava série tinham que se deslocar até o município de Palmas no Paraná. (MUNARINI, 2011, RISSO, 2011).

Em meio a dificuldades e lutas, em 17 de abril de 1997 a fazenda foi desapropriada, e os 4.000ha se transformaram em 273 lotes de 12 hectares, acolhendo 273 famílias. Em 1999 foi construída no assentamento a Escola Básica Municipal José Maria para atender a demanda de formação em nível de ensino fundamental. Continuando a lacuna relativa ao ensino médio. (MUNARINI, 2011, RISSO, 2011)

Trajetória do Curso Técnico em Agroecologia

O ensino médio foi conquistado apenas em 2004, ainda funcionando como extensão da Escola de Educação Básica Professor Anacleto Damiani – uma escola situada no centro da cidade de Abelardo Luz –, e tendo como sede a antiga casa do fazendeiro. Esse são os primeiros passos dados em direção a EEM Paulo Freire, que somente em 1996 é criada oficialmente, que tem como tarefa:

“implementar, a partir das necessidades dos sujeitos que a compunha, a proposta de escola no MST, que tem como objetivo principal, formar para o trabalho, formar para as lutas políticas/sociais e a formar para o conhecimento científico, levando em conta a construção de um ser humano omnilateral. Por estar inserida num contexto onde há hegemonia do agronegócio e os valores capitalista chegam ao campo desenfreadamente; a escola Paulo Freire tem outro desafio, contribuir para construção coletiva de alternativas de vida e permanência do jovem no campo através da educação para a agroecologia” (MUNARINI, 2011, p.4).

Como a formação para o trabalho, para a emancipação humana, e para o enfrentamento do agronegócio estavam na pauta principal da escola, optou-se pela construção do Curso Técnico em Agroecologia. Assim, buscou-se a ainda o enfrentamento do êxodo dos jovens para as cidades, por meio da construção de alternativas produtivas e da formação de consciência desses sujeitos.

Neste sentido, o plano de curso prevê que:

A educação deve ir além da escola, atendendo ao campo econômico, social e ecológico, tendo como principais sujeitos os moradores das comunidades rurais. Nessa perspectiva o ensino médio integrado é a possibilidade de integração da escola com a comunidade, formação geral e profissional, teoria e prática, projetando perspectivas para continuidade dos estudos a nível superior. (PLANO DÉ CURSO, 2008 *apud* RISSO, 2011, p. 46).

Em termos de implementação prática, a partir de discussões do assentamento, foram destinados 24 hectares para o Centro de Produção e Formação Popular onde são desenvolvidas atividades práticas do Curso Técnico em Agroecologia. (RISSO, 2011).

O educador entrevistado afirmou que houve participação da comunidade na construção do curso e de sua proposta. Que inicialmente os recursos eram quase nulos, não existiam sequer para o pagamento dos educadores, que trabalhavam de forma voluntária. Atualmente a Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina assume este encargo, contudo não oferece nenhum outro recurso regular.

Apesar das dificuldades enfrentadas, o educador entrevistado ressalta a importância de se ter mantido no horizonte a relação com a comunidade, as visitas técnicas, e que muitos projetos foram desenvolvidos ao longo destes anos, tais como: manejo de conservação do solo, implementação da bovinocultura de leite, suinocultura, avicultura, recuperação de áreas degradadas, processamento e beneficiamento de alimentos.

A coordenadora da escola elencou que dentre as principais dificuldades enfrentadas pelo CTA estão: a falta de recursos para programar experiências; a grande rotatividade dos professores, que dificulta a seqüência no trabalho; e o alto índice de desistência dos estudantes. Afirma ainda que para avançar no processo pedagógico seria necessário:

garantir tempo para planejamento coletivo, formação continuada para educadores, afinar a articulação entre escola e comunidade, para que a escola ajude a pensar questões/problemas da comunidade e dessa forma dar sentido aos conteúdos, ao processo de ensino e aprendizagem e instigue o educador a relacionar teoria e prática.

Em meio a nossa prática percebemos que há um significado efetivo para o esforço dos educadores, coordenadores, pais e educandos, no sentido de garantir que o planejamento seja efetuado e que as avaliações garantam a aproximação máxima com a aprendizagem efetiva, oferecendo condições para que os estudantes representem na prática, quando possível, o resultado da sua objetivação. Um exemplo disso é a Feira de Saberes que a escola organiza, onde por meio de projetos de implementação prática os educandos e educadores a apresentam a comunidade e as demais escolas o que foi trabalhado ao longo do semestre. Por parte dos educadores e coordenadores tem se buscado reavaliar regularmente os planejamentos e projetos, bem como as variações metodológicas implementadas ao longo dos anos.

A proposta do curso está em consonância com os princípios do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, assumindo assim, o seu papel de formação de cidadãos ativos e agentes de transformação da realidade em que vivem, se inserindo num contexto de construção de novas relações que culminem numa nova sociedade socialista.

Auto-organização dos estudantes

Os estudantes estão organizados por sala em núcleos de base, esses núcleos visam atentar os educandos para a importância da auto-organização e de um processo democrático para a tomada de decisões, uma vez que as decisões tomadas por um núcleo pode implicar em um resultado para toda a coletividade.

Cada núcleo de base é constituídos por cerca de dez estudantes da mesma turma. Sendo estes distribuídos entre o CTA e o ensino regular. Cabe ao CTA os núcleos de base: manutenção da estrutura e pequenos animais (1º ano); hortaliças (2º ano); culturas anuais e fruticultura (3º ano); pecuária (4º ano). E ao curso regular: atividades culturais, cinema, e biblioteca (1º ano); comunicação, horta medicinal, e jardim externo (2º ano); embelezamento interno (3º ano).

As turmas tem uma tarefas específicas em cada ano, assim quando passam de série assumem uma nova tarefa até que todos tenham trabalhado em todas as atividades necessárias para a sobrevivência.

A gestão dos recursos bem como a compra de certos produtos são resultados de discussões em cada Núcleo de Base. Além disso, nas reuniões também se decide, por exemplo, o que vai ser plantado e em que época.

Desde a implantação dessa forma de organização, observou-se num primeiro momento a resistência e a incompreensão do significado. No entanto, com o decorrer do tempo, por meio de uma avaliação regular do processo a gestão começa a funcionar e auxiliar a escola como um todo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O MST tem assumido a Agroecologia, como proposta de um novo modelo de produção, ela esteve entre os princípios assumidos no V Congresso Nacional do Movimento realizado em 2007, fato que só acontece por em sua base inúmeras experiências estarem andamento. O Curso Técnico em Agroecologia da EEM Paulo Freire é uma dessas experiências, e que tem em seus princípios a emancipação humana, por meio da formação para o trabalho emancipado, com fins na transformação da realidade.

É certo que as dificuldades são inúmeras, vão desde a falta de recursos, passando por tratarmos da escola como ferramenta, mas que está inserida no aparato formal do Estado, e chegando ao contexto os valores e a organização da sociedade se dá pelo sistema capitalista.

Enfrenta-se assim as faltas no cotidiano. Bem como uma estrutura de escola que reproduz a racionalidade fragmentada e reducionista, que impõe por exemplo aulas de 45 minutos com disciplinas isoladas umas das outras. Os sujeitos que participam da EEM Paulo Freire tem buscado construir espaços para que os educadores estudem e planejem de forma coletiva, bem como efetivar parcerias com universidades e institutos para avançar nas

pesquisas e desenvolvimento de projetos. Além disso, os núcleos de base tem avançado na construção de uma gestão efetivamente democrática.

O Curso Técnico em Agroecologia não se tratou de um decreto, mas de uma construção coletiva a partir da demanda das bases, envoltas em um movimento social. É certo que o agronegócio está instalado com bases fortes no município de Abelardo Luz, contudo saber (a partir de diagnóstico realizado pela escola em 2012) que a maior parte das famílias produzem sem veneno para o consumo, já se trata de um bom indicativo e de um motivo para continuar no fortalecimento do CTA. Entendemos o mesmo como ferramenta na luta de classes contra o grande capital, dado que utiliza a construção da agroecologia como resposta à grande exploração e esgotamento dos bens naturais que a grande agricultura convencional tem feito.

O MST tem papel importante nesse processo, assim reforça que não se restringe a luta pela terra, mas no direito de permanecer nela com dignidade, e na necessidade da construção de caminhos alternativos.

Para avançar em na Educação do Campo como proposta pelos movimentos sociais, a escola precisa avançar incansavelmente na relação construção da relação entre teoria e prática, para que o aprendizado dos educandos tenha significado na realidade efetiva onde estão inseridos no dia-a-dia. As disciplinas precisam cada vez mais serem desencaixotadas, e os projetos desenvolvidos em conjunto, tal fato demanda formação, prática, engajamento e avaliação regular por parte dos educadores.

Observamos que os passos a serem dados ainda são muitos, mas temos bons indicativos que estão sendo dados na direção correta por parte do sujeitos envolvidos no processo do Curso Técnico em Agroecologia, da EEM Paulo Freire, dos assentamentos do MST.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANO, J. **A formação de Sistemas Locais de Conhecimento Agroecológico na Zona Costeira Centro-Sul do Estado de Santa Catarina.** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Ciências Sociais) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis/SC, 2006, 123p.

ADRIANO, J. **Rumo ao ecodesenvolvimento na zona costeira catarinense.** Estudo de caso sobre a experiência do Fórum da Agenda 21 local da Lagoa de Ibiraquera, no período de 2001 a 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2011, 238p

ALTIERI, M. **Agroecologia:** bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba, 2002. 592p.

ALTIERI, Miguel. **Agroecología:** a dinâmica produtiva da agricultura sustentável / Miguel Altieri. – 4.ed. – Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004.

ALTIERI, Miguel. (1991) **La agroecología y el desarrollo rural, sostenible en America Latina** In: *Agroecología y Desarrollo* - - Revista de CLADES - Numero Especial 1 - Marzo 1991 - <http://www.clades.org/r1-art3.htm>

BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação.(Org.). **Alice Nogueira e Afrânio Catani.** Petrópolis : Vozes, v. 4, 1998.

Caldart, R. *et al.* (orgs.) **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia:** alguns conceitos e princípios. Brasília : MMA/SAF/DATER-IICA, 2004, 24p.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia:** conceitos e princípios para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis, 2001

CALDART, R.. **Educação em Movimento:** formação de educadoras e educadores no MST – Petrópolis, RJ : vozes, 1997.

HELCHT, Susanna. (1989) **A evolução do pensamento Agroecológico.** In: *Agroecología: as bases científicas da agricultura alternativa.* RJ:PTA/FASE. (p.25-40)

MUNARINI, C. **O significado da escola para os seus sujeitos:** um estudo de caso. Anais do I Encontro de pesquisas e práticas em educação do Campo da Paraíba, 2011. Disponível em

<<http://www.ieppecpb2011.xpg.com.br/conteudo/GTs/GT%20-%2002/13.pdf>>. Acesso em 10 junho 2013

THEODORO, H.; DUARTE, L.G; VIANA, J.N. (org). **Agroecologia**: um novo caminhar para a extensão rural sustentável. Suzi Hulff Theodoro, Laura Goulart Duarte, João Nildo Viana (org). – Rio de Janeiro: Garamond, 2009.